

# OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 30 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 9 n.º	N.º a entrega	7.º ANNO—VOLUME VII—N.º 192	REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO
Portugal (franco de porte, moeda forte)	\$800	\$400	\$250	\$120	21 DE ABRIL 1884	LISBOA, RUA DO LORETO, ENTRADA PELA RUA DAS CHAGAS, 42 Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
Posseções ultramarinas (idem) . . . . .	\$1000	\$500	—\$—	—\$—		
Estrangeiro (união geral dos correios) .	\$900	\$450	—\$—	—\$—		

## CHRONICA OCCIDENTAL

A grande novidade do dia é a companhia franceza do Colyseu dos Recreios; começaremos por tanto por falar d'essa companhia.

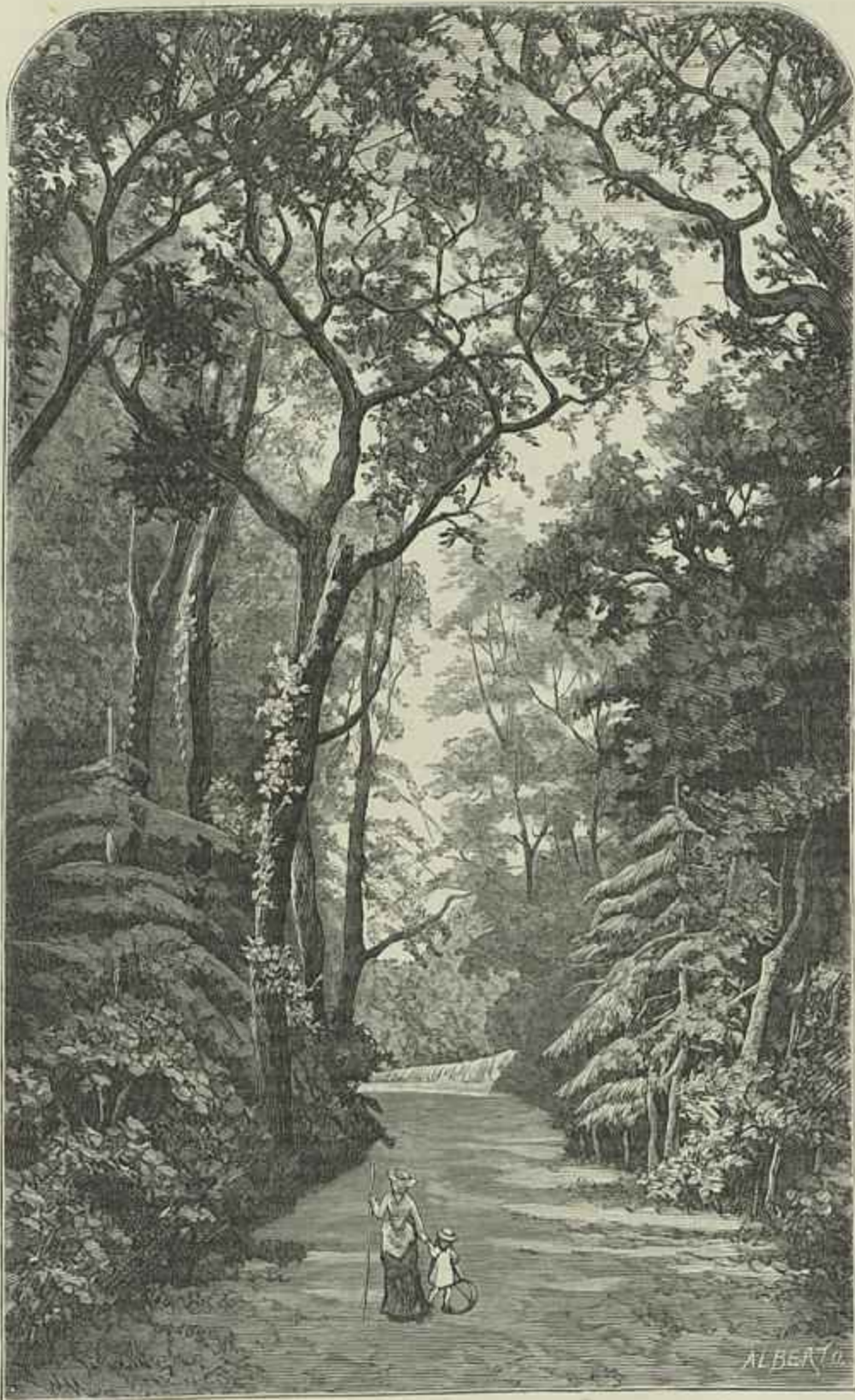
Eu creio que não ha no mundo povo mais feticista pelos francezes do que nós somos.

A França é o nosso oraculo em tudo: em artes, em litteratura, em sciencias, em costumes, em cosinha, em modas; é de lá sempre, que esperamos o modelo, quer no corte de uma calça ou na coupe de um romance, quer na receita de um pudim ou na condeção de uma chronica.

A's vezes esta adoração tem alguma coisa de bom, justifica-se, comprehende-se, outras, porém, leva-nos aos mais estranhos absurdos e a um exclusivismo imbecil que nos afasta do convívio intellectual dos outros paizes, ácerca dos quaes a França n'um systematico egoismo nos guarda completo e calculado silencio.

Conhecemos e confessamos isto sem sermos de modo algum gallophobos, e citamos exactamente o defeito do francesismo que nos domina inteiramente, exclusivamente, n'um dos momentos em que por acaso elle se justifica plenamente, no momento em que as recitas da companhia franceza do Colyseu, estão atrahindo toda a Lisboa e tendo um grande successo de concorrência.

Eu sei perfeitamente que esse genero de opera burlesca que os francezes inventaram é a decadencia da arte; eu tenho lido e relido tudo o que se tem dito contra a musa offenbachiana que veio petulante e *canaille* fazer um *pied-de-nez* irreverente nas bochechas da grave e sisuda matrona que se chama:—Arte tenho lido e relido, repito esses protestos vehementes, essas accusações energicas, tenho-me mesmo massado bastante com algumas d'ellas, ao passo que nunca me massei um momento a



ESTRADA DA PORTA DE SULLA. — MATTA DO BUSSACO (Desenho de M. de Macedo)

ouvir uma operetta alegre, jovial, feita com verve, e com verve enlevée por artistas francezes.

E no fim de tudo, é este o segredo do enorme successo dos parisienses em toda a parte do mundo — a ausencia da massada.

Elles podem com as suas peças, com os seus livros, com as suas operettas não nos deslumbrarem a miúdo, não nos elevarem o espirito ás altas e serenas regiões do Bello, mas tambem o que nunca fazem é massar-nos.

É d'elles a grande maxima que todo o artista devia ter por evangelho, que não ha peor genero que *le genre ennuyeux*, e fugindo sempre, aterrados, d'esse genero maldito conquistaram o mundo.

A França não exporta todos os dias, nem todos os annos mesmo, obras primas: n'estes ultimos tempos pode-se-lhe notar uma verdadeira e assustadora escacez de trabalhos notaveis em theatro, mas tem conservado a sua virtude caracteristica — não seccarem ninguém.

E entre uma grande obra de arte seria, que para nos arrebatara realmente n'uma scena ou n'uma pagina, nos obriga a supportar paginas ou scenas enormes de semsaboria, e uma obra embora trivial, mas que nos alegra e diverte do principio ao fim, o publico, a grande massa do publico prefere a ultima.

E aqui não tratamos de apreciar o facto, tratamos apenas de o indicar. Bem ou mal, é assim.

Podem-me dizer que essas trivialidades passam depressa, e que as outras, as grandes obras viverão eternamente a grande vida de posteridade. Sim senhor, acreditamos piamente n'isso; essas trivialidades passam depressa, mas depressa tambem passa a gente e por isso as grandes multidões preferem viver rapidamente e alegremente com as insignificancias alegres, a massarem-se com os monumentos gloriosos que



desprendendo-se das leis humanas da morte, muitas vezes não conseguem desprender-se das leis igualmente humanas, do sonho.

Subemos perfeitamente que Mozart será eterno e que Lecocq talvez morra antes de morrer; entretanto, hoje, no momento actual, as multidões frívolas mas soberanas, adormeceriam com o *D. Juan*, e assobiam alegres e contentes a *Filha da Sr.ª Angel*.

O bonito está muito mais em moda do que o bello, naturalmente pela difficuldade da confecção, e esta tendencia, decadente d'accordo, mas real, do espirito publico, creou esse genero extravagante, mas alegre, essa especie de supplemento á arte, que não eleva a alma, mas diverte o ouvido, que se chama opera burlesca.

Ora, dado o genero, comprehende-se e justifica-se plenamente a predilecção dos portuguezes pelas companhias francezas d'operetta.

Não discutimos se o genero é bom ou é mau, se aquillo é arte ou não é; o que é certo é que, seja o que for, não ha ninguem para esse genero como os francezes, do mesmo modo que não ha ninguem para cantar o fado como um lisboeta ou para cantar uma *malagueña* como uma hespanhola.

Póde-se ter um grande talento, ser-se um grande artista e ficar-se vencido pelo mais insignificante *cabotin*.

Ha annos ouvimos em S. Carlos uma das mais illustres cantoras italianas que tem atravessado a nossa scena lyrica, que possuia, além d'um talento extraordinario, uma voz formosissima, cantar uma habanera. Foi um fiasco completo, um fiasco silencioso, o peor genero de fiasco.

D'alli a noites ouvimos uma actriz reles d'uma companhia deploravel de zarzuela que estava no theatro dos Recreios, cantar a mesma habanera. O effeito foi enorme, colossal. Aquelles que tinham ficado frios e calados diante da grande diva italiana, rsgaram enthusiasmos as luvras a applaudir a sua rival triumphante de theatro de feira.

Cada um no seu genero, e no genero d'operetta não ha ninguem como os francezes.

Juntem estas tres coisas — a sympathia especial do publico por tudo que é francez, a sua predilecção pelo genero facil e alegre da operetta, a superioridade incontestavel dos artistas francezes n'este genero theatral e temos explicado o grande successo da companhia do Colyseu.

Aquelle recinto enorme enche-se todas as noites a transbordar, os applausos estoiram ruidosos no fim de cada trecho de musica, e o publico de Lisboa, de ordinario sorumbatico e triste em todos os espectaculos, está no Colyseu com a cara risinha de quem se diverte, sae de lá alegre e contente e alegre e contente para lá volta na noite immediata.

E damos plena razão ao publico, porque realmente sem entrar em discussões criticas ácerca de arte, não ha espectaculo mais alegre e divertido do que aquelle.

A companhia é no seu genero excellente, e honra lhe seja, não se limita simplesmente ás trivialidades jovias da opera burlesca, libra-se de vez em quando ás regiões luminosas d'uma arte mais elevada — á verdadeira opera comica, a opera comica de Ambroise Thomas, de Adam e de Auber.

Foi até por este genero que se estreiraram e o triumpho foi tanto maior quanto as condições excepcionaes do Colyseu se prestam pouco ou nada ás delicadezas artisticas da opera comica.

O *sonho d'uma noite de verão* a formosissima opera de Ambroise Thomaz, foi a opera de abertura.

O publico ia á espera d'uma operetta galhofeira e facil, e ao encontrar-se diante d'essa obra prima da opera comica franceza, zangou-se, ficou mal humorado.

Os cantores que não estavam habituados ao publico, nem ás dimensões enormes do theatro, sentiam-se hesitantes e assustados.

O primeiro acto foi quasi que uma queda.

Mas no segundo acto, a belleza estranha e suave d'aquella musica encantadora, a voz deliciosa e afinada da sr.ª Seveste, o *savoir faire* do tenor De Wast, um rapaz sympathico, senhor de uma voz agradável que maneja com habilidade, venceram a hostilidade do publico e conquistaram um brilhante successo para a opera de Ambroise Thomas e para a companhia do sr. Freitas Brito.

Esse successo foi mais ruidoso e mais completo ainda na noite immediata com a *Mascotte* de Audran, enleirée com um *entrain* e uma jovialidade exclusivamente franceza por uns artistas novos para o publico, a quem conquistaram logo com o seu bom humor, e com a sua *verve* alegre e espontanea.

E esses dois successos de abertura decidiram logo do futuro da companhia franceza e fizeram d'ella o acontecimento theatral do mez.

Citámos já o nome de dois dos primeiros artistas da companhia, e citaremos mais ainda antes de passarmos de assumpto, das duas irmãs Tauffenberger, que na *Mascotte* se fizeram applaudir com justicia sobre tudo a que desempenhava o papel de *Bettina*, que tem uma voz pequenissima para o enorme recinto do Colyseu, mas que compensou o que lhe faltava em voz, pela sua graça, pela sua gentileza e pela sua vivacidade elegante, o barytono Guillien que tem uma excellente voz e sabe cantar deveras, e o comico Achard que tem graça ás pilhas, uma graça picante e original, toda franceza.

O successo da companhia do Colyseu está formado, d'aqui a dias teremos em Lisboa outra companhia tambem franceza de grande opera no theatro de S. Carlos, e n'esse mesmo theatro poderemos ver no dia 15 de maio uma das mais brilhantes estrellas do theatro francez moderno, a celebre Celine Chaumont que vem com uma *troupe* de villegiatura dar aqui cinco recitas com o *Divorçans*, *La Cigale*, *La petite marquise*, cinco noites que vão custar muito caro aos lisboetas, mas que vão com certeza divertil o immenso e mostrar-lhe o que elle nunca viu, — a comedia franceza moderna representada pela primeira actriz comica da França de hoje.

A grande festa das crêches, a *Kermesse* promovida por Sua Magestade a Rainha, continua a ser a preocupação da nossa primeira sociedade: os trabalhos para essa extraordinaria feira estão muito adiantados, mas o mau tempo obrigou a um adiamento, que não póde senão concorrer para que a *Kermesse* seja mais completa e mais brilhante, porque dá logar a que com mais vagar e com mais perfeição se conclua tudo que para essa festa se prepara.

Os dias agora marcados para a *Kermesse* são 26, 27 e 28 do corrente mez.

Acabamos de receber o ultimo volume da *Historia de Portugal* illustrada publicada pelo nosso excellento amigo e acreditado editor o sr. João Antonio de Mattos.

Quando recebemos em casa esse livro, pareceu-nos que ouviamos o enorme suspiro d'alivio e de satisfação que o bom do Mattos devia ter soltado.

Esta historia de Portugal tem uma historia muito intrincada, que, descripta minuciosamente, daria tambem outros seis volumes, e que Manuel Macedo poderia illustrar com um estudo profundo das expressões porque passa a physionomia d'um editor torturado.

Imaginem que esses seis volumes de historia de Portugal levaram nada menos que os seus dez annos a publicar — dez annos, a vida d'uma pessoa!

Ha dez annos, pouco mais ou menos, appareceu-nos em nossa casa o Sousa Bastos a convidar-nos para fazermos um volume da historia de Portugal.

Desatámos a rir a este extranho convite; nunca nos passára pela cabeça a idéa *baroque* de ser um dia um grave e austero historiador.

Sousa Bastos contou-nos então a historia d'essa Historia.

Associára-se com João Antonio de Mattos n'uma grande empreza editora sob o titulo de *Empreza Litteraria de Lisboa*, e queria inaugurar essa empreza com uma obra que fizesse barulho.

Essa obra era uma historia de Portugal feita sob um plano inteiramente novo. Dividia-se a Historia em seis periodos, cada periodo era tratado por um escriptor, debaixo da forma ligeira do folhetim, historia dramatisada ao alcance de todas as intelligencias, uma historia que não massasse ninguém, — o tal segredo dos francezes.

Recusámos com toda a energia conscienciosa da nossa incapacidade para esses trabalhos, mas Sousa Bastos instou, supplicou, queria por força que o nosso nome figurasse na primeira publicação da sua nova empreza, e nós cramos, e somos, muito amigo d'elle para lhe recusarmos qualquer coisa mesmo uma má obra.

Acceitámos, e tinhamos cinco companheiros n'esse trabalho: Pinheiro Chagas, Luciano Cordeiro, Antonio Ennes, Pedro Vidoeira e Eduardo Vidal.

O plano da historia teve logo que se modificar pela difficuldade enorme de fazer a correr, em tom de folhetim, a historia portugueza tão pouco trabalhada ainda, tão falta de subsidios e elementos.

Com a modificação do plano veiu a alteração dos collaboradores d'essa historia e de seis passaram a ser nove.

Sousa Bastos sahio da empreza, mas nós já ligados a João Antonio de Mattos, pelos compromissos nossos, pela amabilidade e cavalheirismo d'elle, não podíamos como queriamos desonerar-nos da tarefa que sabiamos não poder cumprir, e só o que conseguimos foi passarmos os Filippes ao nosso bom amigo e illustre escriptor o sr. Delphim de Almeida, ficando apenas com o reinado de D. Sebastião, esse infeliz monarcha que depois de ter em Africa o seu Alcacer-Kivir, teve-o tambem agora, tres seculos depois, na historia do sr. Mattos.

Todas essas mudanças martyrisavam extraordinariamente o editor, que ao cabo de nove annos de trabalhos, de sustos, de semsaborias, já quasi desesperava de ver completa a sua historia de Portugal.

Finalmente, para provar que tudo tem um fim até a Historia de Portugal do sr. Mattos o teve, e ella ahí está agora á venda, em bella edição escripta por alguns dos nossos mais notaveis homens de letras, e cheia de magnificas illustrações devidas ao lapis notavel de Manuel de Macedo.

Desejamos-lhes sinceramente tantas edições, quantas apoquentações ella custou ao seu editor.

Gervasio Lobato.

## AS NOSSAS GRAVURAS

### PORTA DE SULLA NO BUSSACO

A nossa gravura representa mais um ponto do pittoresco Bussaco.

O OCCIDENTE tem já em gravuras e em artigos tratado muito do Bussaco, para gastarmos mais tempo com a porta de Sulla, por isso reenviamos os nossos leitores aos numeros anteriores, em que falamos da famosa matta.

### O DOUTOR

#### DUARTE GUSTAVO NOGUEIRA SOARES

Não é da indole do nosso periodico, occupar-se de assumptos politicos. Mas formando, como não póde deixar de formar, uma parte, ainda que minutissima, da grande instituição que se chama — *Imprensa*, — cumpre-lhe emitir a sua opinião, e julgar os assumptos que interessam o geral da nação e não o particular dos partidos politicos, que n'ella se digladiam.

Por vezes ao palpar qualquer assumpto, que faz ao bem do paiz, temos indicado alguns caminhos necessarios para se promover a prosperidade nacional, e alargar a importancia de Portugal, evitando quasi sempre alludir á chaga que corre o nosso corpo nacional, a falta de comprehensão dos deveres do cidadão pela maioria d'elles, e a nenhuma educação constitucional da nossa gente, cada vez mais prevaricada pelas demasias dos órgãos dos partidos. Isto sente-se, isto conhece-se, isto discute-se, combate-se, stygmatisa-se nas reuniões particulares, nos cafés, nos gabinetes, em toda a parte, mas apezar d'isso, o que se fez hontem, continua a fazer-se hoje e far-se-ha amanhã, porque ninguem tem coração para o dizer em publico chã e francamente.

Ninguem, não é o verdadeiro termo: uma excepção temos a fazer. Essa excepção está no livro que temos sobre a nossa banca e se intitula: *Considerações sobre o presente e o futuro politico de Portugal*.

O auctor, antigo funcionario que durante cerca de trinta annos tem tratado com todos os grandes homens que o paiz teve, e com os homens grandes que ainda tem, pode estudar em todas as suas notas internas e externas o nosso machinismo politico e social. Filiado em um partido politico, não o desvairam as suas ligações partidarias, para ser indulgente com os seus correligionarios, e injusto com os adversarios; antes ao contrario julgamol-o até assaz honrador d'estes. Todos são julgados pelos seus actos, franca e imparcialmente. Membro da *imprensa* abre com um escalpello firme e seguro as pustillas d'esto, dissecas e mostra que só quando a imprensa livre estiver regenerada e levantada á altura da sua missão, então estarão seguros a nossa independencia, a nossa liberdade, a nossa prosperidade. O auctor é duro, severo, mas não é injusto com o nosso jornalismo politico.

Não podemos acompanhar o auctor nas suas seiscentas paginas, mas conformamo-nos com as suas conclusões, cuja synthese é: a reforma dos costumes publicos e constitucionaes da nação em geral e dos cidadãos em particular.

O sr. dr. Duarte Gustavo Nogueira Soares, é o auctor d'este carajoso, erudito e sensato livro, que devia ser lido e estudado por todos os portugueses. Entrando na vida publica em 1852 como amanuense no ministerio das obras publicas, passou depois ao ministerio dos negocios estrangeiros, onde occupava ainda ha pouco o elevado cargo de secretario geral d'elle, e director dos negocios consulares. Padecimentos phisicos fizeram com que em meia idade e ainda ao melhor periodo da sua maturidade, pedisse e obtivesse a sua aposentação. Collaborou por muito tempo effectivamente na *Revolução de Setembro* e outros periodicos, onde sustentou questões importantes.

Nasceu no Marco de Canavezes em 1831, pertencendo a uma familia que tem dado distinctos funcionarios ao paiz, e frequentando com muita distincção a Universidade de Coimbra, alli concluiu os cursos de Direito, em que é formado, e o de Administração publica, alcançando premios em algumas cadeiras.

O OCCIDENTE fazendo conhecer hoje dos seus leitores o retrato d'este prestante funcionario e perfeito cavalheiro, cumpre ao mesmo tempo um dever de justiça e de gratidão.

#### A ESTATUA DE PEDRO ALEXANDRINO DA CUNHA, EM LOANDA

É muito conhecida a historia d'este valentissimo official do exercito e marinha portugueza, um dos alumnos que mais honra deram ao Real Collegio Militar, onde foi educado.

Nasceu em Lisboa, em 1801 no mesmo anno em que seu pae, então 1.º tenente da armada, fallecia em Argel, em resultado dos ferimentos recebidos no combate com os mouros, quando tomaram a fragata *Cysne*.

Entrou no collegio militar, cujo curso concluiu com distincção, assentando praça na brigada real de marinha, d'onde passou em 1821, no posto de alferes para o exercito.

Estudou depois o curso de marinha e passou á Academia de fortificação, sendo em 1827 promovido e tenente para o regimento de infantaria n.º 13.

Emigrou para Inglaterra pelos successos de 1828, e usurpação de D. Miguel, d'onde veio para a ilha Terceira, entrando nos trabalhos mais arriscados e importantes, inclusive o de dirigir a imprensa do governo que o duque (então marquez) de Palmella para alli mandára.

A regencia resolveu-o a passar então para a marinha, o que fez contrariado. Mas na sua nova carreira os seus serviços foram notabilissimos.

Em 1836 partiu para a Africa Occidental commandando a corveta *Isabel Maria*. Na possessão de Angola prestou relevantissimos serviços, não só na repressão do trafico da escravatura, mas no meudo reconhecimento que fez da costa ao sul de Benguela, e nos esclarecimentos e estatísticas que fez da colonia de Mossamedes, quasi desconhecida então. Esta commissão durou cinco annos, regressando ao reino em 1841.

Em 1843 havendo tomado assento na respectiva camara, como deputado pela provincia de S. Thomé, foi nomeado commandante da estação naval de Angola, para onde partiu, e onde, logo que chegou, lançou na ilha de Loanda os fundamentos de um arsenal. Em maio seguinte foi nomeado governador da provincia, cargo de que tomou posse a 6 de setembro.

O seu governo foi um dos mais notaveis que alli tem havido, e se os ministros tivessem sempre escolhido funcionarios como Pedro Alexandrino, Amaral, Fernando Leal e outros, as nossas colonias teriam tido outra sorte.

Applicando a sua grande actividade e energia ao cumprimento do seu dever, fez desenvolver a cultura do algodão, do tabaco e do café; acabou com o monopolio do sal; fundou o novo presidio da Huila reprimiu com energia o trafico da escravatura, e introduziu melhoramentos e reformas em todos os serviços.

Quando findara os tres annos de governo, os povos de Angola solicitaram a sua reconducção e tiveram grande desgosto quando viram chegar o seu successor, o que a respectiva camara municipal fez conhecer delicadamente quando felicitou o novo governador. Mas mais tarde levantou um singelo monumento, que a nossa estampa representa, ao que foi modelo de lealdade, valor, honra e desinteresse.

O benemerito official morreu em Macau a 6 de julho de 1850, onde fôra substituir no governo o valente Amaral, assassinado pelos chins, havendo apenas tomado posse do cargo a 26 de maio do mesmo anno.

#### AS JOIAS ELECTRICAS

As joias electricas, que foram o clou do bailado de *Farandola*, de Theodoro Dubois, dançado em dezembro ultimo com grande successo na Opera de Paris, são de invenção do engenheiro francez o sr. Trouvé.

A nossa gravura representa uma das bailarinas da *Farandola*, adornada com essas joias estravagantes, d'um effeito perfeitamente phantastico.

As joias luminosas são pequenas lampadas d'incandescencia, formadas por um fio muito delgado, contido n'uma pequena capsula de crystal e illuminando-se pela influencia das correntes electricas.

Basta rodear esse foco de pedrarias de diversas cores para se obter o resultado extraordinario que deslumbrou na *Farandola* o publico de Paris.

A parte mais engenhosa da invenção de Trouvé é a diminuta pilha electrica que proporciona a corrente e que se pôde guardar na algibeira de qualquer colete. Essa pilha é formada por uma combinação de zinco e carvão, n'um estojo de caoutchouc duro e fechado hermeticamente, e só funciona quando está em posição horizontal.

#### EXPOSIÇÃO RETROSPECTIVA

DE

### ARTE ORNAMENTAL

EM LISBOA

(Continuado do n.º 191)

LIX (1)

O calix que tem o n.º 89, e pertence á ermida de S. Braz de Evora é da mesma epoca. É de prata dourada, a base hexagonal, dividida em grandes gomos, em relevo. Os ornatos representam figuras de santos e alguns medalhões em relevo.

O nó é formado tambem por ornatos gothicos, mas já da renascença. A copa é rodeada por uma cinta de cherubins, sendo dois barbados, tem seis tintinabulos, inscripção em caracteres gothicos e a altura 0,26.

O da mitra patriarchal de Lisboa, n.º 93, é um pouco mais alto, tem 0,31, e de base tambem hexagonal ornada de santos em relevo. Em roda da copa seis anjos em relevo; o nó é formado por um corpo architectonico de duas partes sobrepostas de estylo gothico, faltando as estatuetas que deviam ornar a inferior. É tambem de prata dourada.

A custodia da Sé do Porto, n.º 101, obra do famoso bispo D. Diogo de Sousa, é digna de considerar-se. Tem de altura 0,65. A base tem a forma geral do hexagono, mas entre cada dois vertices ha uma volta circular que os une.

Eleva-se ligeiramente para o pé, dividindo-se em quatro partes principaes, em uma d'ellas ostentam-se as armas do referido bispo, e nas outras, figuras de anjos em relevo, deitados. Pouco acima da base vê-se o nó, que é formado por folhagens lavradas, d'onde brotam seis esferas cobertas de escamas esmaltadas. Levanta-se sobre elle o pé ou haste que é um prisma hexagonal, cujas faces são ornadas de labores. O alto d'elle é coroado por uma especie de capitel d'onde sahem uma hastes em volutas sobre os quaes pousa o corpo da custodia. A base d'este corpo é concava dividida em seis taboleiros; dos lados, como na custodia de Belem, levantam-se dois feixes de pilares gothicos, sobremontados por corucheus, aos quaes se liga a cupula. O ediculo é circular todo rendilhado. Dos extremos inferiores dos pilares pendem os tintinabulos. A cupula é formada por uma columna central grossa, que serve de modelo a todo este corpo, a roda da qual um grupo de pilares gothicos terminados em corucheos, de desenho elegante, terminam este gracioso artefacto, que é coroado por uma cruz. Faltam algumas peças como estatuetas, e um corucheo, que parece deviam occupar certos logares.

Outra obra do mesmo bispo é o calix n.º 105 e sua patena. São tambem de prata dourada, e o calix tem de altura 0,33. A base tem tambem uma divisão semelhante á da custodia, menos as partes curvas; em onze das suas partes maiores tem as figuras de onze apostolos e no outro as armas do bispo e a data 1509; nas outras partes menores ornatos esmaltados. O nó é grosso, formado por pilares com corucheus e arcarias gothicas, em cujos seis vãos se veem as estatuetas de seis apostolos; a copa é hemispherica ornada de anjos sustentando os emblemas da paixão, e na parte inferior outros seis, segurando outros tantos tintinabulos.

(1) Ver. a nota a pag. 75.

#### LX

Está incompleto, e faz pena ver que não tem havido verdadeiro interesse por estas coisas, o relicario de ouro, crystal e pedras preciosas, n.º 143, pertencente á Confraria do Sacramento da freguezia de Santa Justa de Lisboa. É um artefacto digno de ser concertado, e as mitras, os cabidos, as egrejas e as confrarias ganhavam em reputação e em consideração, vendo-se que, sem se descuidarem do culto, prestavam todo o seu desvelo á conservação, e sensata reparação dos objectos de arte, confiados á sua guarda. Este relicario tem 0,19 de alto, na face anterior do crystal dentro de um nicho vê-se a imagem da Senhora, faltando o remate superior.

(Continua)

Brito Rebello.

#### FILINTO ELYSIO E A INQUISIÇÃO

(Continuado do n.º 191)

Entrando de prompto Manoel de Mello para casa de Francisco Manoel, a fim de o ter seguro e evitar que fugisse, succedeu apparecer-lhe um individuo mal trajado, um tanto descomposto (1), e apenas embrulhado em um capote.

O familiar, que não conhecia o denunciado, suppoz que tinha diante de si um creado da casa, e perguntou se poderia falar ao padre, ácerca d'uns negocios que lhe haviam sido encomendados de Goa, e que estavam explicados em uns papeis deixados pelo fallecido patrão mór.

Mal antevia o auctor d'esta invenção, o triste resultado que ia alcançar. A pessoa a quem se dirigiu, respondeu-lhe que o padre Francisco Manoel ainda estava recolhido, mas que ia ser prevenido do negocio: entrou em um quarto, onde fingiu que estava dormindo o denunciado, e abriu uma papelleira da qual tirou uns papeis, que veiu entregar ao familiar do Santo Officio, dizendo-lhe serem aquelles os documentos desejados.

Foi n'esta occasião que o emissario inquisitorial sentiu abalada a sua boa fé, e suspeitou que tinha diante de si o proprio Francisco Manoel do Nascimento. Recorrendo a novo ardil, não mais feliz que o primeiro, disse ao individuo que se fosse vestir, porque d'aquelle modo andava indecente.

Francisco Manoel, pois era o proprio, não desejava naturalmente outra coisa, e passou ao quarto contiguo.

O familiar esperou-o longo tempo, admirando-se de não lhe ouvir fazer o minimo ruido. Resolveu-se por fim a ir procural-o, e só então reconheceu que a pessoa, com quem falára momentos antes, se escapára por uma escada que dava serventia para os quartos inferiores, e d'estes sahira para a rua.

A porta, Manuel de Mello tinha deixado o seu bolheiro, que tambem não conhecia o delatado, com a recommendação de que se ouvisse bulha em cima, ou signaes de briga, acudisse immediatamente, ainda que tivesse de arrombar as portas.

Quando o familiar desceu e lhe perguntou o que vira, respondeu elle que tinha sahido para a rua um homem coberto com um capote alvadio, e, parecia-lhe, com uma cabelleira posta na cabeça.

Um sapateiro que era visinho de Francisco Manoel do Nascimento, depõe que o viu passar pela sua porta, caminhando apressadamente pela rua que vae ter ás Chagas, na manhã de 4 de junho, pouco depois de ter perguntado por elle o familiar Manuel Caetano de Mello, e de a testemunha responder que o padre aquella hora ainda devia estar em casa.

Quando o pobre negociante percebeu que tinha sido logrado, deitou a correr após o fugitivo, seguido pelo seu bolheiro; não conseguiu porém encontrar-o... Imagina-se facilmente a situação difficil em que elle se veria, um instante depois, relatando ao conde de Rezende, que chegava finalmente, á triste consequencia da sua diplomacia. Ambos concluíram que estava a diligencia perdida.

Com a precedente narração surgiu talvez no espirito do leitor a duvida, que tambem sentimos ao tomar conhecimento d'esta parte de processo. Houve apenas inepcia, ou deu-se qualquer conluio para permittir a fuga ao denunciado?

Não parece estranhavel que dos dois familiares encarregados de prenderem Francisco Manoel, lhe entrasse em casa justamente aquelle que não o conhecia? A qualidade de fidalgo, que se dava no outro, não o eximia de bem servir a Inquisição, pois é sabido que o cargo de familiar do Santo Officio era disputado pelos proprios duques e principes de sangue. Verdade é que este tribunal, apesar de tudo, estava tão decahido, que nem o

(1) Sem meias, nem calções, diz o depoimento.

conde de Rezende foi chamado a depor no summario da fuga, nem tão pouco Manuel Caetano de Mello se julgou obrigado a dar promptamente á meza parte do succedido, justificando, no depoimento, esta demora, com a desculpa de que imaginava que o padre Francisco Manuel voltaria a casa, — visto não se haver falado, em toda a diligencia, no tribunal do Santo Officio, — e que então o poderia prender, para o que mandára vigiar a habitação.

Ouviu publicamente Manuel de Mello dizer que o denunciado se «retirára para o paquete, e que no dia seguinte partira para Inglaterra». Quando soube d'este boato é que deixou de vigiar a casa da travessa das Chagas.

Dois dias depois da fuga do padre Francisco Manuel, veio a sua casa um sargento de artilheria, fez metter em uma sege Manuel Simões e Maria Manuel, que estavam doentes e muito velhos, e levou-os para Belem, onde residia. No dia seguinte fez conduzir por um gallego os moveis e roupas do denunciado, em cuja casa ficou sómente um homem chamado Joaquim, com a sua familia.

Ainda com isto se mostra a differença que depois de Pombal havia nos processos inquisitoriaes, relativamente a tempos mais antigos. O confisco dos bens do denunciado era uma das primeiras diligencias a que o Santo Officio mandava proceder, no seu periodo florescente.

Conhecidos no palacio dos Estados os factos acima narrados, requereu o promotor A. Moller se procedesse ao summario da fuga do padre Francisco Manuel, que, segundo constava «tinha ido para Inglaterra no paquete».

Ao summario seguem-se no processo muitos depoimentos de testemunhas, alguns dos quaes foram tomados no convento de Nossa Senhora



CONSELHEIRO DUARTE GUSTAVO NOGUEIRA SOARES — SECRETARIO GERAL DO MINISTERIO DOS EXTRANJEIROS (Segundo uma photographia de Fritz)

dos Anjos do logar do Sobral, junto a Alhandra. Em nenhum se encontram novas noticias, que pela sua importancia devam addicionar-se ás que até aqui foram aproveitadas.

Especialisaremos a deposição do capitão Manuel de Souza.

Havia este no dia 16 de julho de 1778, receio de que outrem tivesse tal lembrança, apre-

sentado na meza inquisitorial uma relação completa das culpas de heresia que havia commetido.

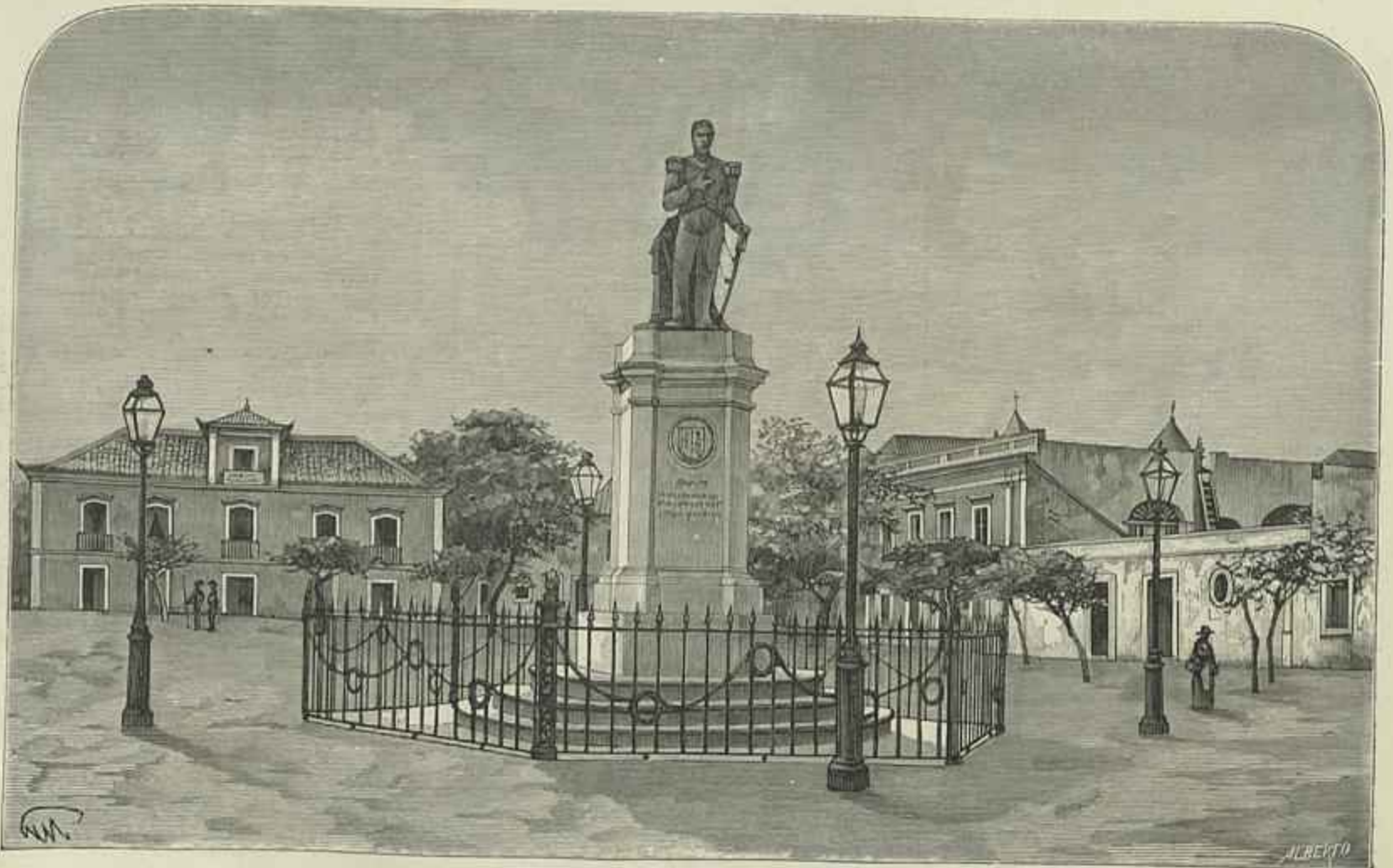
Não perdeu ao mesmo tempo a occasião de declarar que considerava o padre Francisco Manuel do Nascimento como verdadeiro atheu, e que suspeitava que em nenhum ponto de religião tinha elle crença firme.

Depoendo a 26 de agosto, no processo que seguimos, disse mais que, durante o convívio que tivera com Filinto, notára que na opinião d'este a religião devia ser considerada apenas sob um ponto de vista politico, e como necessaria para a conservação da sociedade. Francisco Manuel só se importava n'este mundo com a sua pessoa, preferindo-a a tudo o que n'elle havia; dizia frequentemente missa sem confessar-se com antecedencia, e tinha a consciencia *bastantemente embaraçada*, «em razão da liberdade com que falava do credito e reputação das pessoas mais auctorizadas e principalmente do recto procedimento da Inquisição». Chegou até a dizer uma vez a Manuel de Souza que se confessava a certa pessoa, somente para a desabular de meu conceito em que ella o tinha. O padre nenhum preceito observava da religião catholica, salvo nas exterioridades a que se sujeitava, para escapar aos castigos que a igreja commina.

Tudo isto relatou o capitão engenheiro, não podendo acrescentar outros motivos particulares, por haver sido sobre pontos de bellas letras a maior comunicação que tivera com o denunciado.

Sirva de attenuante no feio procedimento do capitão Manuel de Souza, a circumstancia de não poderem a sua denuncia e depoimento prejudicar o delatado, que desde 5 de julho de 1778 estava fóra do alcance da justiça inquisitorial.

Para acabarmos com as deposições das teste-



ESTATUA DE PEDRO ALEXANDRINO, EM LOANDA

munhas, citaremos a de frei Plácido de Andrade, religioso da Ordem Terceira e mestre dos estudantes do seu convento em Evora. Contou o frade, muito escandalizado, que Francisco Manuel chamava chimera ao sexto mandamento da lei de Deus, visto ser opposto á natureza.

Não apresentou logo denuncia da heresia, porque a ouviu no tempo de estudante, e não fez sobre ella a devida reflexão.

Francisco Manuel queixava-se-lhe de que os seus amigos tinham abusado da sua sinceridade, desacreditando-o por hereje. Por isso se retirára d'elles. Dizia tambem que o tribunal do Santo Officio era desnecessario e inutil, e que a França, não se governando por elle, era muito digna de louvor.

A ultima peça do processo, movido pela Inquisição a Francisco Manuel do Nascimento, é datada de 16 de junho de 1779, e contem a certidão de baptismo do accusado.

Na penultima, feita em 23 de março do mesmo anno, lê-se que os paes de Filinto estavam nas mais precarias circumstancias, depois da fuga do filho: Manuel Simões, cego e pedindo esmola, recolhia-se por amor de Deus em casa de um barbeiro ao Chiado; a mãe, com pouco juizo, morava em casa de uma sua afilhada, casada com um carpinteiro da Ribeira das Naus.

Francisco Manuel do Nascimento, como é sabido, nunca mais voltou á patria. Viveu em Paris até 1792, passando a Haya, n'este anno, por convite de Antonio Araujo de Azevedo, que o protegia e o nomeou seu secretario particular. Em 1797 voltou a França, e alli esteve até morrer, nutrido sempre o desejo de formar na sua visinhança uma colonia de patricios, com quem falasse e convivesse.

Filinto Elysio soffreu com as penas do exilio, grandes privações. Depois da sua fuga, appareceu em juizo um procurador representando uma sobrinha legitima do patrio mor João Manuel, e foi tomando posse de todos os bens que este tinha deixado, e que Francisco Manuel do Nascimento se achava disfructando.

O padre Sebastião José da Piedade escreveu a Filinto avisando-o do facto, e offerecendo-se para

seu procurador, a fim de fazer opposição áquelle procedimento. Até março de 1779 não obteve resposta.

Em 25 de fevereiro de 1819 morria em Paris, de uma hydropesia de peito, Francisco Manuel do Nascimento, na avançada idade de oitenta e quatro annos, quarenta dos quaes foram passados no exilio e alguns na miseria.

Filinto Elysio nunca deixou de trabalhar em



GUILHERME STEPIENS  
FUNDADOR DA REAL FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE

obras litterarias, «tolhendo que se abastardasse de todo a nobreza da nossa linguagem» segundo a seu respeito dizia Manuel Ribeiro Guimarães, secretario do club dos negocios portuguezes em Londres.

Entre os homens illustres, victimas da perseguição implacavel, vexatoria e obscurantista do Santo Officio, foi certamente Filinto Elysio um dos que mais a salvo conseguiram escapar aos rigorosos procedimentos do inexhoravel tribunal.

Consideramos isto, em grande parte, consequencia do abatimento em que estava a Inquisição, em 1778.

A sombra da reacção religiosa que lavrava por todo o paiz, tentava o Santo Officio refazer a passada grandeza, destruida pela mão vigorosa e ousada do marquez de Pombal.

Empresa vã!

Os dias da repugnante instituição estavam contados.

Para que o abutre negro, obcecado e mortalmente ferido, se despenhasse para sempre nos abysmos do passado, seguido pelas maldições da historia, bastava que alvorecesse em Portugal a grande aurora, cujos primeiros clarões já se esparziam pela França, e que, evocado pelos *Revolucionarios de Vinte*, se erguesse entre nós o vulto austero e radiante da Liberdade.

1882. Maximiliano d'Azevedo.

### O enterro das praças de pret do exercito portuguez

O cirurgião em chefe do exercito, o sr. conselheiro Morley, acaba de prestar uma homenagem ao exercito, determinando, com a devida permissão do sr. ministro da guerra, que o enterro das praças de pret seja feito com a decencia condigna a estes servidores do Estado, dando a este acto um cunho essencialmente militar e nacional.

É altamente digno de louvor o sr. Morley pelo melhoramento importante que d'esta fórma introduz no serviço de saude do exercito. Todos se



ENTERRAMENTO DAS PRAÇAS DE PRET DO EXERCITO PORTUGUEZ — CARRETA CONDUZINDO O FERETRO (Desenho do natural por M. de Macedo)

lembrança, e não lhes será decerto grata a lembrança, do modo como eram feitos em Lisboa os enterros d'esses pobres e obscuros servidores da patria, que ninguém conhece, mas a quem todos devem; esses martyres do dever que, arrancados bem moços ás suas afeições mais caras, arrastam depois uma pobre vida de trabalho incessante, e não poucas vezes rude.

O pobre soldado morria. O corpo era mettido n'um pesado caixão forrado de ferro (o mesmo para todos!), e levado á mão por 4 praças, que se renovavam a miudo, não dessimulando o seu descontentamento e o seu enfado. O misero cortejo era completado por um capellão, uma praça vestida de capa encarnada, com a cruz, e o resto da força. O cadaver arremessava-se á valla; o soldado, o homem que morrera no serviço da patria, que acabava do modo mais triste de pagar o seu tributo de sangue, era tractado como um pobre mendigo!

Depois o caixão era levado pelas mesmas praças para o hospital, dando pelo caminho um espectáculo bem pouco edificante, que os commentarios irrespeitosos tornavam ainda mais lastimoso.

Hoje, mercê da generosa iniciativa do sr. conselheiro Morley, o caixão é conduzido n'uma carreta de construcção singela e elegante, tal como a representa a nossa gravura, e coberto com a bandeira nacional. A carreta é levada por 2 praças da companhia do fallecido, collocadas á cruzeta da lança de onde partem dous cordões pretos seguros por outras 2 praças, seguindo logo o capellão, com as vestes sacerdotaes, 1 official subalterno da mesma companhia, 1 praça da 1.ª companhia da administração militar, com a cruz, 1 official inferior d'esta companhia e o resto da força, todos de grande uniforme.

O cadaver desce á sepultura com o caixão, o que, além de ser uma homenagem mais respeitosa, envolve uma medida hygienica de grande importancia. De todos são sabidos os funestos resultados que podem provir de se arrecadar o caixão que tenha servido a alguma victima de molestia contagiosa.

A despeza é na verdade insignificante e sahe da dotação de 16:000\$000 réis, que a 6.ª repartição da secretaria da guerra recebe annualmente para occorrer ás diversas despezas dos estabelecimentos de saúde.

A carreta, para a qual se aproveitou o rodado de uma das macas do material de ambulancia, é pintada de cinzento e as ferragens de preto, tendo na frente e na retaguarda a cruz vermelha da convenção de Genebra; custou 25\$000 réis aproximadamente. A bandeira custou 15\$500 réis. O preço do caixão é de 1\$000 réis.

Felicitemos vivamente s. ex.ª pelo zelo que tem empregado na realisação da sua generosa idéa, e pelo modo como conseguiu organizar um material de sahimentos funebres com um caracter tão decente e ao mesmo tempo tão militar.

## GUILHERME STEPHENS

O OCCIDENTE publica hoje o retrato de um estrangeiro illustre, a quem Portugal deve um dos seus mais importantes estabelecimentos industriaes, Guilherme Stephens, o fundador da grande fabrica de vidros da Marinha Grande.

Ignora-se qual a epoca da chegada de Guilherme Stephens a Portugal e qual o motivo da sua vinda á nossa terra. O que se sabe é que antes de 1769 Guilherme Stephens estava em Lisboa, explorando uns fornos de cal nas pedreiras de Alcantara, com carvão de pedra vindo de Inglaterra, livre de direitos, e que em 7 de julho de 1769 inaugurou na Marinha Grande, a famosa fabrica de vidros que hoje pertence ao estado.

Parece que a idéa da fundação d'esse importante estabelecimento foi suggerida a Stephens por uma pequena fabrica que existia na Marinha Grande, e pela proximidade do pinhal de Leiria, que lhe forneceu o combustível necessario para o fabrico de vidro em grande escala.

Quando Stephens fundou a sua fabrica o Marquez de Pombal ordenou que para auxiliar o estabelecimento d'essa fabrica se emprestasse 32 contos sem juros e que do pinhal de Leiria se fornecesse gratuitamente toda a lenha precisa, privilegio dado por 15 annos, mas logo no fim de 7 annos prorogadas indefinidamente, juntamente com outras vantagens e insepções, que só lhe foram tiradas pelo tempo da invasão franceza, sendo-lhe tambem sequestrada a fabrica e terrenos annexos e preso Stephens por não querer cumprir as ordens de Junot, prisão que durou apenas 4 mezes, sendo depois solto com a condição de se apresentar ás autoridades todas as quinzenas.

Em 1811, expulsos os francezes, a fabrica readquiriu todos os privilegios, com a prorogação de mais 20 annos.

Os governos protegeram muito Guilherme Stephens, mas empregaram bem essa protecção, não só pelos serviços que Stephens prestou ao paiz, pois que além de levantar todos os vastos edificios que ainda hoje constituem a fabrica, construiu uma estrada, que no lugar de Carvalhos entroncava com a antiga estrada real de Lisboa ao Porto, estrada que ainda hoje existe, posto que muito deteriorada, e que era conhecida pelo nome de estrada do Guilherme, iniciou grandes melhoramentos agricolas, arroteou muitas plantas novas no nosso solo, melhorou a cultura dos terrenos arenosos, mandando para isso vir expressamente um practico do condado de Norfolk, e por fim legou a fabrica a seu irmão com a condição de a doar em certo prazo á nação que tão bisarramente galardoára os seus serviços.

Não se sabe tambem ao certo a data do fallecimento de Guilherme Stephens, o que se sabe é que em 1826 o seu irmão e herdeiro João Diogo Stephens, fez doação da fabrica ao paiz, como prova de gratidão ao estado.

O nome de Guilherme Stephens é ainda hoje abençoado por todos os habitantes da Marinha Grande, e figura entre os dos maiores benemeritas da nossa industria.

## O CENTENARIO

DA

## INVENÇÃO DOS AEROSTATOS EM FRANÇA

E O SEU INVENTOR

PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

(Continuado do n.º 190)

LIX

Em quanto Bartholomeu Lourenço segue com seu irmão o caminho de Hespanha, vejamos o que se passa na inquisição de Lisboa, com as pessoas que vimos foram remetidas para a Custodia d'ella.

Os processos, apesar de serem seis, correram com certa brevidade, e com relação a tres das presas, D. Eufrazia, enteada de D. Antonia, Catharina Salema e sua filha Brites Maria, nem se chegou a formar libello; depois de inquiridas e tomados os seus depoimentos, foram mandadas soltar, a 23 de outubro de 1724 sem penitencia, admoestando-as a que evitassem cair em delictos contra a crença, e até com relação a Catharina Salema, contra a qual havia algumas provas, e cujos depoimentos não haviam sido completos, passou-se por isso, attendendo á sua idade (80 annos) e achasques.

Contra as outras, D. Antonia, D. Maria Thereza e Isabel da Natividade, formulou o promotor os competentes libellos, nos quaes se fez avultar a circumstancia importante de se achar n'este negocio involvido o nome d'el-rei e de outras pessoas, o recato e resguardo com que era necessario proceder-se, e a falta de intenção criminosa que houve, por isso que não se quizera prejudicar alguem. Comtudo, como a superstição dos feitiços e outras praticas anti-religiosas importam uma debillidade e defeito na crença, foram sentenciadas: D. Antonia Maria da Fonseca, a ouvir a sua sentença na tribuna da Capella dos carcereiros, perante um inquisidor, um notario e duas testemunhas, familiares, e a fazer abjuração de leve suspeita na Fé, e a ser degredada por tres annos para Castro Marim, e para sempre para fora dos arcebispados de Lisboa e Evora, a ter penitencias espirituaes, instrucção ordinaria e a pagar as custas. O assento

## O PAPÁ GILBERTO

II

### O marido

(Continuado do n.º 191)

Houve alli uns dias que até o medico assistente torceu o nariz ás velhas. Gilberto quando vinha da repartição tinha a bondade e a paciencia de ir informar-se das doentes e trazia á mulher noticias d'ellas.

— Podés rezar-lhes por alma, disse um dia.

D. Perpetua de pingo de rapé estendido pelo beijo, ficou um momento surprehendida.

— Morreram ja??

— Estão para isso.

Ella então recobrou animo.

— Ora que novidade. Aquellas mulheres são muito velhas. Ja no tempo dos francezes ajudavam a mãe nos vestidos e...

Uma das criadas veio dizer-lhe com ar triste e apaixonado.

— Agora já a senhora não tem quem lhe dê com tanta paciencia os pontinhos na roupa da lavadeira.

E outra observou:

— Eram muito limpas no seu trabalho, lá isso eram.

— Pois eram, eram...

Ella respondeu com saccudido agastamento.

— Ora vivam, caras é o que ellas eram, só pelo comer, d'ahi aquillo era um no papo e outro no sacco. Não se podiam ter pelo bocado.

As duas creadas repetiram em coro:

— Coitadinhas!

— Coitadinha de mim, digo eu: quem põe a meza, põe a negra.

— Tambem a senhora o que lhes dava, a trabalharem ahí de sol a sol?

Ella deixou cair o lenço e a caixa.

— O que lhes dava? perguntou com a maior solemnidade domestica.

As criadas até tremeram.

— O que lhes dava? repetiu.

Como quem se desaffronta de uma injustiça enorme, disse:

— Dava-lhes um vintem!

— Para as duas, confirmaram respeitadamente as creadas.

Então levantou-se e concluiu pachorrontamente.

— Não, pudera ser para cada uma: vossés cuidam que o senhor vae roubar o dinheiro?

O senhor que tinha ouvido tudo enfiou para o escriptorio e fechou-se por dentro.

Depois foi abrir a secretaria, contemplou enternecido os seus montes de ouro, os seus massos de notas e porque a um canto estivesse o retrato da esposa, chegou-o aos labios embevecido e beijou-o sem lhe fazer favor nenhum, pois que era com aquellas mulheres que então um homem, sem mesmo se gabar da fortuna de Gilberto, fazia a sua casa.

III

### Os filhos

Se cada um é um conto de réis, como affirmavam os antigos, Gilberto conseguiu em menos de dez annos de casado capitalisar nada menos de sete contos.

Tinha portanto sete filhos, numero igual ao dos peccados mortaes.

Mas não lhe pesavam na consciencia porque era doido pelos filhos, e os amava muito, e bebia os ares por todos: eram as meninas dos seus olhos.

Gilberto que não fora nunca santo, que deixava mesmo adivinhar o seu lado egoista e mau, tinha todavia uma face angelica: era: a que offerecia aos filhos quando o beijavam e se illuminava de uns resplendores cidaes de embevecido quem tivesse coração e olhos para estes realismos d'alma, que não tresandam a residios de sentina.

Na rua parava a vel os quem passasse.

Eles cobriam-se todos com a mesma joeira, era uma galanteria, um ranchinho muito bonito.

O mais velho tinha oito annos, já era um homensinho que se esquivava amuado aos beijos salivosos das velhas devotas lisongeiras, d'essas que já

para a sentença é de 27 de janeiro de 1725. Contudo, em virtude dos seus padecimentos, foi-lhe commutado algum tempo depois o degredo para Evora, e a inquisição d'esta cidade permittiu-lhe ainda ir habitar para Estremoz, em vista do requerimento que ella fez pedindo aquella auctorisação, por causa do escandalo que haveria se o marido chegasse e a encontrasse degredada.

D. Maria Thereza de Mello teve tambem igual sentença, mas sem o degredo que foi imposto á primeira.

Isabel da Natividade, igualmente soffreu sentença semelhante á de D. Antonia, sendo porém o degredo por dois annos e para fora da Villa de Alcaçer do Sal, e admoestada a não continuar em taes praticas, sob pena de ser castigada mais severamente.

As duas ultimas, depois de ouvirem ler a sentença e feitas as penitencias que lhe foram impostas, foram soltas a 20 de fevereiro do mesmo anno, e a primeira a 21 do mesmo mez.

Eis a que se reduziu todo este processo, que tanto amedrontou o padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão! Deve notar-se que se o padre fugia á prisão que a inquisição lhe preparava, não era de certo a Hespanha lugar seguro para escapar a ella, porque uma simples deprecada o faria alli prender, sendo essa uma pratica muito constante e seguida nas inquisições dos dois paizes, remettendo se reciprocamente não só os indiciados, mas até os processos, que a elles, ou a seus parentes, em qualquer tribunal da fé, se houvessem instaurado.

Quando estes factos succederam, havia apenas dois mezes que o padre Bartholomeu Lourenço tinha feito novo descobrimento mechanico. E o que se vê da Carta de 18 de julho d'esse anno de 1724, pela qual se lhe concede privilegio para um mechanismo com que os moinhos de rodizio e os engenhos de assucar possam com a mesma quantidade de agua, com que costumam trabalhar, moer muito mais. Não sabemos, porém, se tal descobrimento poude ser aproveitado.

Bartholomeu Lourenço dirigiu-se a Hespanha, e com quanto se tenha dito que seu irmão o padre João Alvares de Santa Maria escrevera a relação d'essa fuga, não chegou ella, por em quanto, ao nosso conhecimento. Sabe-se, porém, que, tendo atravessado Portugal e parte da Hespanha, achando-se em Toledo, ou em consequencia de fadigas da jornada, ou de qualquer outro incommodo, foi accomettido de um deliquio e em seguida de uma febre maligna, pelo que se viu obrigado a recolher-se ao hospital da Misericordia d'essa cidade, onde, passados dias, veio a fallecer no de 19 de novembro do mesmo anno, quasi dois mezes depois do seu desaparecimento de Lisboa, se é certa a data, da fuga que alguns biographos apontam, porque Thomaz Pinto Brandão, no seu *Pinto Renascido*, assignala a este facto, a data de 10 de outubro.

Eis como um motivo frivolo, uma insignifi-

cante intriga de caprichos femininos, agitada dentro de dois conventos, tendo por fim a reconciliação de duas levianas peccadoras, a freira, amante do rei, e a secular, amante do infante, para o que, a superstição, ainda hoje muito corrente, se pretendia soccorrer a meios sobrenaturaes, veiu a prender nas suas malhas o pobre *Voador*, satellite, que girava na orbita de um d'esses planetas da clausura, que, não sei que perfume e encantos poderosos derramavam em torno de si, que, a despeito das repetidas leis e decretos que prohibiam esse delicioso commercio, não cessavam de exercer uma força attractiva que venciam os maiores espiritos.

Apesar de todos estes factos se haverem passado com o segredo que se deve suppor, e a inquisição costumava empregar nos seus processos, apesar de não haver então os meios de publicidade que ha hoje, e da *Gazeta*, o unico periodico que então se publicava, não ter dito uma unica palavra a respeito de Bartholomeu Lourenço, a noticia do seu desaparecimento ou fuga espalhou-se logo na cidade, e como então as occupações não eram grandes, e os engenhos poeticos se apoderavam dos factos occorrentes para entreter os seus ocios, começaram a apparecer varias poesias por mãos particulares, nas quaes se zombeteava do padre e da sua fuga, aproveitando-se o ensejo para satyrisar os seus inventos.

Pouco depois chegou a noticia da sua morte, e esse facto triste, que parece devia encher de dor quem tivesse um coração verdadeiramente portuguez, ainda serviu aos mesmos engenhos para exercitarem o seu, em geral, ensosso espirito.

(Continua)

Brito Rebello.

## RESENHA NOTICIOSA

Congo. Depois que se publicou o tratado assignado entre os governos portuguez e inglez, para regular o exercicio da nossa soberania n'aquella região de Africa, os periodicos não teem cessado de nos dar noticias de Stanley, de Brazza e das suas respectivas emprezas, de novas explorações e de novos exploradores enviados ou a partir por conta do rei dos belgas, da Alemanha, e de moções apresentadas nas Camaras inglezas e americanas, e em algumas Camaras de Commercio e da Hollanda. Dos negociantes não admira que se levante opposição, porque o estado de incerteza favorecia as suas operações mais ou menos regulares, o que nos admira é a Commissão dos negocios estrangeiros de Washington, recommendar a nomeação de um agente diplomatico para fazer um relatório, sobre a soberania do baixo Congo,

coisa tão sabida e conhecida ha quatro seculos. Ha poucos dias noticiava-se que o official de marinha italiana Massari (Affonso Mario) partira de Napoles para Bruxellas e que ia ser enviado ao Congo em missão do rei dos belgas. Massari é um joven e sympathico italiano, companheiro do malogrado Pellegrino Mateucci na sua viagem de exploração do Wadai a Tombuctu e Niger, caminho que tambem se disse então que eram elles os primeiros europeus a fazer, mas que já ha mais de tres seculos os portuguezes conheciam e haviam explorado, estando em 1565 já estabelecidas relações com todos os potentados desde a bocca do Niger a Tombuctu, e aberto e praticado esse caminho. Estimaremos ver como os dois patricios Massari e Brazza se aveem um em frente do outro, cada um seguindo interesses oppostos. Diz-se que Stanley, tendo terminado a sua missão, que era ligar Boma com Zanzibar, isto é, as duas costas occidental e oriental d'África, regressa á Europa, e vae substituir o coronel inglez Winton, ex-ajudante de campo do Marquez de Lorne, sendo nomeado administrador geral da Associação internacional africana. É notavel que para taes cargos o rei dos belgas só nomeie inglezes. Foi ao Congo fazer algumas averiguações, e com um caracter superior, o general Goldsmith, estava para ir substituir Stanley, primeiro Baker-pachá, depois o general Gordon, que se acham no Egypto, agora o coronel Winton.

ARROJO AÇORIANO. Era grande a tempestade, e um vapor inglez naufragára na California; o mar ia arrebatando uma passageira que se debatia quasi sem sentidos. Na praia milhares de pessoas contemplavam aquelle horroroso espectaculo, contrangidos de dor, sem que o temporal desfeito permittisse que algum se aventurasse ás ondas. De repente, porém, d'entre a multidão sae um homem que se dirige á praia; em vão innumeradas pessoas querem detel-o, prevendo uma inevitavel morte e um inutil sacrificio, o coração generoso, a alma heroica não lhe soffrem contemplar como um espectador inerte aquella scena afflictiva. Arremessa-se ás ondas, braceja, nada, ora se afunda, ora surge no dorso das vagas; os olhares não se apartam delle, os corações palpitam de commoção; ao cabo de algum tempo e fadiga pôde agarrar a victima que as ondas lhe quærem disputar, e consegue ao fim de algum tempo trazer a extenuada, desfalecida sim, mas com vida até á praia. A multidão rompeu em applausos e o bravo José Luiz, o barqueiro da ilha do Pico, acabava de salvar uma vida, e de praticar um acto da mais decidida heroicidade e abnegação. Uma subscripção publica, aberta alli mesmo, deu-lhe 6000 dollars, o governo dos Estados Unidos deu-lhe um valioso premio e alguns milhares de dollars, e a propria dama que elle salvára gratificou-o com 17.000 dollars, ou cerca de sete contos de réis. Honra ao denodado filho dos Açores, e folgamos por ver uma bella fortuna ganha á custa de um acto da mais agigantada humanidade.

lá vão e com as quaes tambem se foi aquelle bom capote das cinco moedas, e o inseparavel lenço de cambraia anilado e bem mettido em forte gomma.

O do meio tinha cinco, mas que gracinha de criança!...

Já dizia *papá, mamá*, e deitava a lingua de fóra, e batia com o pésinho, e quebrava os bonitos aos irmãos!...

Gilberto chamava-lhe o seu Saldanha.

Tinha alli um guerreiro, um traga moiras todo fino.

Que olho aquelle, que viveza!

Aquillo estava mesmo a saltar com o sangue na gueltra.

Nada parava com elle!

E em cada dia dava aos irmãos dez batalhas, de sorte que era preciso ter sempre de prevenção em casa a municipal, isto é, ter uma criada só para o menino.

E não lhe faltava que fazer.

O pequeno era na linguagem do moço das compras, levado do diabo, e, no dizer dos paparocas domingueiros a quem elle ás vezes fazia amargar o bocado que comiam — muito mal creado.

Mas que fossem dizel o ao pae?!

Isso sim.

Aquillo era o seu ai! Jesus!

Não tocassem no menino.

Não o contrariassem.

Deixassem-no fazer o que elle quizesse.

Elle com ser criança tinha mais juizo do que as pessoas crescidas.

As vezes a criada que o aturava apparecia com a cara arranhada.

— Que foi isso Mauricia?!

— Foi o menino.

Gilberto enfurecia-se.

— Tu és mais criança do que elle.

E logo ia perguntar ao menino se a Mauricia era má, e se lhe tinha feito alguma coisa; se tinha cahido, se tinha batido em alguma parte.

A mãe recommendava muito que tivesse cuidado, todo o cuidado era pouco.

A criada estava arranhada e o pequeno não lhe tinha feito aquillo sem mais nem menos.

A ella, D. Perpetua, cumpria apurar a verdade.

E porque se tornasse em extremo importuno com as suas recommen-

dações, a mulher que estava sempre sentada na mesma cadeira, no mesmo logar desde de manhã até á noite, agastava-se, e então dizia muito cheia de razão:

— Não sei, não sei. Eu não posso estar em toda a parte ao mesmo tempo.

E para tapar de todo a bocca ao marido, para pôr ponto final no assumpto, concluia:

— Toma outra criada.

Gilberto então trauteava a Gavota...

Só de pão era meia arroba pela manhã e meia arroba á noite.

— Talvez te pareçam ainda poucas as boccas que tens cá.

Mas o pequeno era mesmo levado da bréca.

Uma occasião foi-se elle ao relógio da sala, um presente que tinham dado ao senhor, um bom relógio, d'estes que não só davam horas como tocava o minnete, e que havia de fazer o demonico! Põe-no á cabeça, á laia de giga e vae mostrar-se á mãe, apregoando com a sua voz de tiple harmoniosa e cadenciada:

— Merca a laranja da China!

D. Perpetua não lhe diz nada, não o reprehende, não lhe tira o relógio das mãos... mas começa a gritar pelas criadas, a bom gritar com toda a força dos seus pulmões.

— Vocês não veem isto?! Olhem o menino, Mauricia, Mauricia onde estás tu Mauricia?

N'isto o pequeno dá uma volta, o relógio cahe, a móla quebra-se, a pendula parte-se, o mostrador amachuca-se, o vidro da mangueira faz-se em pedaços!

Que afflictção para D. Perpetua!

— Valha-me Deus!

E a Mauricia sem apparecer.

— Tragam uma vassoira, Joanna traga a vassoira e varra isto d'aqui.

O pequeno ri em face dos destroços que fez, regosija-se diante da sua obra de destruição como Nero em presenca do incendio de Roma, tripudia, faz coisas do arco da velha.

(Continua)

Leite Bastos.

**GADO EM PORTUGAL.** Segundo as estatísticas, contam-se no nosso paiz 57:933 rezes de gado cavallar; 31:186 de gado muar; 67:399 do asinino; 463:480 do bovino; 170:371 do ovelhum; 58:236 do caprinhio e 96:967 do suino. Nós não podemos ver uma estatística d'estas que nos não dê vontade de rir, por sabermos a exactidão com que são feitas por essas terras alem.

**EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL.** Haverá em Madrid, durante o mez de setembro e outubro proximos futuros uma exposição de industria nacional.

**OUTRA.** A Associação de Escriptores e Artistas de Hespanha com o fim de proporcionar aos Escriptores e artistas do seu paiz occasião, de darem uma prova publica e solemne do seu valor, resolveu celebrar uma — *Exposição Litterario-Artistica* — que coincidirá com a epoca, em que ha de verificar-se em Madrid a setima reunião do Congresso litterario internacional, cuja terceira sessão se celebrou em Lisboa em setembro de 1880. A exposição deve inaugurar-se no dia 1.º de outubro do corrente anno e terminará no dia 15. O programma da exposição é dividido pelo seguinte modo: 1.º LETRAS: 1.º grupo: obras apresentadas pelos auctores como concorrentes a premio; 2.º grupo: obras que podem aspirar a premios de cooperação. — 2.º BELLAS ARTES: 1.º grupo e 2.º grupo, da mesma natureza que para as letras. — 3.º ARTE THEATRAL; 4.º INDUSTRIAS AUXILIARES DO ESCRITOR E DO ARTISTA. Na impossibilidade de dar o programma todo por extenso, limitamo-nos a dizer que são admittidas obras litterarias e artisticas dos membros da Associação; e de todos os mais homens de letras e artistas, que principalmente se refiram á Hespanha

**FRIGORIFICO.** A 20 de fevereiro chegou ao Rio de Janeiro o *Frigorifico Aorangy*, vindo de Sydney. Trazia a seu bordo 20:000 carneiros da Australia, mortos, em perfeito estado de conservação. Este processo de conservação das carnes tem dado sempre o melhor resultado.

**COLONIAS.** O movimento commercial nos nossos portos coloniaes do Ambriz, Loanda, Benguella e Mossamedes, foi em 1882, de importação 2.032:774:000 réis, dos quaes 469:459:000 de proveniencia nacional; a exportação subiu a réis 1.308:829:000, dos quaes 883:776:000 sob a bandeira portugueza.

**PAVIMENTO DE MADEIRA.** Ha já bem tempo que este systema começou a ter proselytos, que breve se convenceram da sua inconveniencia. Pode-se tolerar como um expediente nas regiões das florestas virgens da America, mas não como um systema permanente de calçada, pela facil deterioração a que está sujeita, e perigos da viação a que pode dar lugar. Apesar d'isso a cidade de Bilbao resolveu ultimamente adoptar aquelle methodo para o pavimento das suas ruas, o qual, breve, lhe trará um pouco agradável desengano.

**ASCENSÕES AEROSTATICAS.** É justo que o nosso paiz, que foi o primeiro onde os aerostatos foram inventados, (ve), no presente e anterior volume, o artigo *O centenário da invenção dos aerostatos* preste a devida homenagem aos que se elevam aos ares. Falámos de Iva Guerreiro, que no Porto realisou uma ascensão com o aeronauta Castanet, agora tivemos em Lisboa, outra em que dois portuguezes acompanharam o notavel aeronauta Beudet. No dia 8 do corrente subiram ás 4 horas da tarde com este, os srs. Gouveia Pinto e Abreu de Oliveira, no meio dos vivas da multidão. O balão impellido primeiro para o nordeste, correu depois um tanto para leste desaparecendo no meio das nuvens á curiosidade dos habitantes de Lisboa; depois de ter subido á altura de mais de seis mil metros, onde se encontraram na região da saraiva, perdendo quasi a sensibilidade, foram descer com alguma violencia a dois kilometros das Vendas Novas, voltando a Lisboa na quarta feira seguinte, onde foram recebidos com enthusiasmo. Na segunda ascensão realisada no dia 17, em lugar do sr. Gouveia Pinto, foi o sr. Luiz Terra Vianna, do



AS JOIAS ELECTRICAS

Porto. O balão subiu serenamente na direcção norte depois inclinou um pouco para o nascente. Continuando a subir lançando os aeronautas tres pombos correios ás 4 horas e meia de 930 metros de attitude, ás 4 e 40 minutos de 3:000 metros ao atravessar o rio, com um frio intenso, annunciando que iam descer, e ás 5 horas dizendo que iam descer sobre Aldeia Gallega. Effectivamente desceram nas proximidades da villa, sendo arrastados durante 500 metros, salvando-se a custo, e soffrendo apenas algumas contusões. Felicitamos os arrojados aeronautas.

**EXPEDIÇÕES FRANCEZAS.** A França como já dissemos tem-se lançado n'uma serie de expedições externas, cujo resultado não pôde ser muito util para a sua vida interna, segundo os melhores prognosticos. A do Tonkin, no extremo oriente, que já lhe tem consumido muita gente e dinheiro, a de Madagascar, mais facil, mas tambem incommodante; a do Congo, onde não parece ter collido grandes vantagens, a de Tunes, pouco honrosa, mas talvez proveitosa de futuro; agora parece que lança as suas vistas sobre a Tripolitana, e segundo se diz nem a Allemanha se oppõe, nem a Inglaterra, que quer que a deixem no Egypto, e só haverá a recetar a opposição da Italia. Em seguida já se quer abalancar ao Mar Vermelho, reclamando alguns periodicos como a *Republique Française* a occupação immediata dos pontos que lhe pertencem sobre o litoral d'aquelle mar: a ilha de Vessi, que domina a bahia de Adulis, a ilha de Udá, Adulis, Edd-el-Hamazen e o paiz dos Bogos e dos Barka; o *Journal des Debats*, mais goloso, como diz outra folha, quereria que se accrescentasse «ao que não é nem uma expedição, nem uma conquista, o porto de Manuah, onde o nosso commercio tem interesses consideraveis.» Só nós, então, que descobrimos quasi tudo, e quasi tudo possuímos, nem sequer aquillo que ainda nos resta, de tanto que elles nos tomaram, nem esse pouco nos querem deixar; á sua posse e direitos muito recentes e problematicos chamam — incontestavel, — ao nosso direito incontestavel, e á nossa posse de seculos, chamam fundamentos historicos de problematica certeza. Bem hajam tão instruidos e probos discursadores. Encha a maré.

**FALLECIMENTO.** Morreu em Paris o sr. Mignet, notavel escriptor francez. Com Thiers e Armand Carrel cooperou na fundação do *National*, e diz-se que tambem auxiliou o primeiro na represen-

ção das insurreições de 1831 e 1871. Era o decano da Academia franceza, e o seu nome firmou-se entre os dos grandes escriptores da sua nação pela publicação da *Historia da revolução franceza*; *Historia de Maria Stuart*; varios *Elogios historicos* proferidos na Academia, *Vida de Franklin*, e outras obras conhecidas dos estudiosos.

**OUTRO.** Poucos dias depois da Academia das Sciencias de França haver perdido o seu decano, perdia tambem o seu secretario perpetuo, o celebre chimico Dumas, um dos maiores homens de sciencia do presente seculo. As academias de todo o mundo haviam inscripto o seu nome entre os de seus consocios, e não ha ninguem que se não recorde com agrado, do seu bello livro *Lições de phylosophia chimica*, que tanto popularizou o seu nome. Nasceu em Alois em 1800, faleceu com 84 annos e deixa immensos trabalhos, principalmente sobre chimica.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

**BIBLIOTHECA DO POVO E DAS ESCOLAS.** Quarto anno, decima serie, 1884 — *David Corazzi*, editor. Estão publicados os n.ºs 74, *Machinas de vapor*, 75, *Historia da Idade Media*, 76, *Invertebrados*. Como meio de generalisar a sciencia tem estes livrinhos alcançado grande importancia e prestado um verdadeiro serviço, ainda que ás vezes haja uma certa desharmonia no plano do desenvolvimento de cada sciencia, como se confessa no capitulo 1.º d'este ultimo livrinho, pag. 5, e até, como se lê a pag. 7, se julgue não poder substitir o grupo, cuja designação serve de titulo ao mesmo livrinho. Fôra talvez melhor ter desde o principio assentado em um methodo ou systema invariavel.

**A ORYZICULTURA NO DISTRICTO DE AVEIRO.** *Aveiro, Typ. commercial, Rua de J. Estevão, 1889.* 8.º de 20 paginas, tendo no fim a subscrição: *Alquerubim, 7 de junho de 1883* — *José Pereira Lemos*. O auctor d'este pequeno opusculo, distinctissimo medico que ha perto de dezeseis annos exerce a clinica no concelho de Albergaria Velha e arredores, tem tido occasião de observar se a oryzicultura é a causa das doencas miasmaticas que atacam muitos individuos n'aquella bella região, ou se pelo contrario ella melhora a condição dos terrenos alagadiços existentes em larga escalla nas margens do Vouga, Certima, Agueda, Mondego, etc. Rebate as conclusões do *Relatorio* apresentado pela commissão nomeada em 1859 para estudar o assumpto, que taxa de inexactas, assim como outros escriptos e artigos que tem sido publicados a tal respeito; concluindo por dizer que: *em vista das ultimas descobertas no campo da etiologia das febres intermittentes, de malaria ou palustres, está demonstrado que os arrozaes, uma vez que para elles se não reduziam a pantanos terrenos enxutos, não só não prejudicam a saude publica, mas ainda que a melhoram.* É tambem a nossa opinião, que vivemos cerca de quatorze annos por aquellas localidades.

**LA CORRESPONDANCE MENLEY, organe de l'Agence internationale de la Presse**, n.º 13 de 4 de abril Paris.

**LES AFFAIRES ESPAGNOLES, hispano-coloniales, portugaises et sud-americaines**; o n.º 4 do 4.º anno relativo a 5 do corrente mez.

Explicação da charada do n.º antecedente: Charadista.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.